

Contudo, como dizem, a arte imita a vida. E a realidade, por vezes, é o que muitos estão assistindo. No Brasil, a misoginia é crime, caracterizado, principalmente, pelo discurso de ódio contra as mulheres. Entre 2022 e 2023, 2.863 mulheres foram assassinadas no país. De 2017 a 2022, de acordo com a SaferNet, mais de 293,2 mil denúncias de crimes de ódio contra mulheres foram registradas. Nos jornais, as notícias se repetem e a indignação toma conta da sociedade. Até quando? Muitos questionam. Por isso, a nova geração de meninos deve ser a resposta. Não criar mulheres para que saibam se proteger, mas educar garotos que consigam respeitá-las.

O submundo das redes

No imaginário social, a internet é um espaço, supostamente “livre” para se falar o que pensa, pois existe uma falsa sensação de anonimato. Na avaliação de Paulo Henrique Souza Roberto, professor do curso de psicologia da Uniceplac, há um aumento no uso de ferramentas convencionais e não convencionais, bem como o uso de fóruns localizados na “deep web” que servem para propagação de discursos de ódio contra as mulheres. Nesse sentido, elas são cotidianamente expostas a conteúdos que incitam, promovem e justificam o ódio baseado em questões de gênero.

“Muitas precisam lidar com a propagação de ofensas, divulgação não consentida de imagens íntimas, ameaças de morte, uso de humor para ridicularizar e difamar mulheres. Dentro dessa lógica misógina, desdobram-se essencializações sobre as mulheres que tanto a idealizam como a degradam, porque vivemos num tempo em que ódio virou fetiche. Por isso, estando intimamente expostas, a internet pode vulnerabilizar e adoecer mulheres, que estão o tempo todo em vigilância sobre esses aspectos que permeiam sua intimidade, e que podem vir a ser alvo de truculência e ódio desses homens”, explica Paulo Henrique.

Dessa forma, diante de tanta informação que só leva à agonia e à fundamentação daquilo que nada tem de interessante para as crianças e os adolescentes, é de suma importância que pais e familiares estejam atentos ao que os meninos estão vendo na internet. Para o psicólogo, a utilização das redes sociais tem de ser acompanhada e mediada pelos pais, que devem dialogar acerca das principais questões que emergem das relações nesses espaços digitais.

Assim, os pais devem se interessar por contribuir com a discussão de temas sensíveis e

“Muitos de nós crescemos lidando com os problemas em silêncio, o que acaba levando a comportamentos agressivos, tanto com relação aos outros quanto a nós mesmos”

Rafael Magalhães, 38 anos

participar para a ampliação de repertório, pois a grande questão é que misoginia e machismo sempre existiram, mas a cooptação de adolescentes emergidos nesses discursos são potencialmente destrutivos. “A adolescência é a fase em que imperam os impasses sobre dilemas éticos, e os pais precisam ser entes de confiança e segurança quando se é necessário aprender. A identificação nessa fase precisa ser com o conhecimento dos pais, e não com a truculência e a violência de homens ensimesmados.”

Dilemas da masculinidade

Quando se é homem, há tantos universos aos quais se é obrigado a pertencer. Futebol, boxe, carros, mulheres — obviamente como objetos sexuais. Enfim, os espaços são pouco receptivos quando alguém deseja falar sobre sentimentos. Historicamente, isso nem chega a ser comum ou benquisto, já que eles foram feitos, produzidos e configurados para serem como pedras sem emoções ou sensibilidade, “apenas fazer o que deve ser feito”, é o slogan da machosfera pela internet.

Há, entretanto, aqueles que, por natureza ou desejo de mudança, optaram pela diferença,

por outro caminho, que fosse menos doloroso ou até menos desprezível. Rafael Magalhães, 38 anos, faz terapia desde a adolescência, prática incomum, tanto para tempos passados quanto para um jovem como ele um dia foi. Todavia, foi em outros espaços que conseguiu encontrar a melhor forma de trabalhar sua masculinidade.

“Comecei a sentir que determinados pontos relacionados à minha masculinidade seriam melhor trabalhados na terapia compartilhada, na companhia de outros homens. Creio que o objetivo era justamente estar em um ambiente seguro, em que pudesse compartilhar essas ideias de uma masculinidade mais saudável, sem medo das repressões que sofremos cotidianamente ao levantar o assunto”, confessa Rafael.

De lá pra cá, notou o quanto questões internas, que tanto lhe afetavam, faziam parte das problemáticas emocionais dos outros colegas presentes, imputando a cada um calvário de viver só dentro de suas emoções reprimidas neste universo da masculinidade tóxica. “Muitos de nós crescemos lidando com os problemas em silêncio, o que acaba levando a comportamentos agressivos, tanto com relação aos outros quanto a nós mesmos”, completa.

Mas, ainda assim, essa revisão de si mesmo deve ser um trabalho contínuo, ao menos é o que enxerga Rafael quanto ao desenvolvimento pessoal que tem tido até aqui. “Vivemos décadas de uma criação machista que ainda se encontra incrustada na cultura masculina. É necessário, constantemente, rever esses comportamentos e interromper o crescimento da misoginia com relação às gerações mais novas”, destaca. Para ele, a terapia é fundamental em qualquer idade, sobretudo para guiar meninos a um comportamento mais saudável, longe das concepções machistas e tóxicas as quais são constantemente criados.

Pai de um menino de 2 anos, Rafael crê que, atualmente, os pais tenham um desafio ainda maior, considerando a desinformação propagada pelas redes sociais. “Pretendo afastar isso com uma criação de muito amor, compreensão e diálogo, mas, ao mesmo tempo, estabelecer limites, principalmente no que diz respeito a possíveis comportamentos machistas, racistas e homofóbicos. É preciso estar atento e acompanhar o que as crianças consomem de informação na internet, procurando ajudá-los a elaborar um pensamento crítico sobre o assunto. Mas não só isso: é preciso atuar como modelo para nossos filhos, para que possam reproduzir um comportamento saudável no que diz respeito às mulheres”, finaliza.

legenda